

QUE SIGNIFICA HOJE SER DE “ESQUERDA”?

Raymundo Pinto

Terminada a Segunda Guerra Mundial, em 1945, tornou-se fácil fazer a distinção entre as principais correntes ideológicas. Os Estados Unidos emergiram como uma potência. Seu acelerado progresso material passou a ser um padrão a ser seguido pelos demais países, em especial por aqueles do Ocidente. Os conservadores até admitiam o desenvolvimento econômico, desde que mantidas certas estruturas básicas da sociedade. O capitalismo puro – no qual o mercado sempre encontraria o equilíbrio – seria o caminho a trilhar, sob pena de prejudicar a democracia e, em consequência, a própria liberdade. Os que assim pensavam eram classificados como da “direita”. Havia quem se envergonhasse do sentido um tanto pejorativo que adquiriu o termo (sinônimo de “reacionário”) e preferiam dizer que integravam o “centro”. Saudosistas dos regimes autoritários derrotados na guerra exaltavam a fraqueza das liberdades democráticas para enfrentar os subversivos e pregavam a existência de um Estado forte. Estes eram tidos como da “extrema-direita”.

As idéias de Karl Marx, que nasceram e se propagaram a partir de meados do século XVIII, afinal foram adotadas pela Revolução Russa de 1917. Vários países se agregaram em apoio a esse movimento, formando a poderosa União Soviética. Estava criado o segundo polo de convergência ideológica. Passaram a pertencer à “esquerda” todos os que defendiam a substituição do capitalismo por um regime mais humano, comandado pelos trabalhadores, que seria o socialismo. É claro que não houve unanimidade entre seus partidários. Predominou a corrente mais radical que, apegada às principais diretrizes do marxismo, entendia que era preciso implantar, de início, a “ditadura do proletariado”. A então URSS, que instituiu um governo bastante centralizado, espalhou sua marcante influência mundo afora. Aderiram às novas idéias a China, outros vizinhos asiáticos, diversos países do leste europeu e até um da América Central: Cuba. Não foram poucos os que se assustaram com o cerceamento das liberdades, entendendo que se podia alcançar a socialização por meios pacíficos. Deram origem a uma corrente mais moderada, que cresceu na Europa ocidental, chamada “social-democracia”. Os mais radicais ficaram sendo identificados como “comunistas”.

Não há a menor dúvida de que o sonho de imperar o socialismo em toda a extensão do planeta empolgou, principalmente, trabalhadores e jovens. Chegou a um ponto que até convictos capitalistas passaram a se convencer que seriam inevitáveis as mudanças que se aproximavam. Um fato histórico e muito surpreendente ocorreu em 1989: a queda do Muro de Berlim. Em seguida, logo no ano seguinte, a União Soviética se desmoronou e – o que foi extremamente dramático para os esquerdistas – todas as antigas nações do bloco, bem assim os países do leste europeu, de imediato adotara o “decadente” capitalismo. Conforme era de se esperar, uma profunda crise ideológica abalou as esquerdas. Muitos justificaram a derrocada da URSS, afirmando que ali teria vigorado um “socialismo real”. O fato é que, na verdade, perderam sua maior referência. A China abriu-se tanto para o capital estrangeiro e fez reformas econômicas antes inconcebíveis que deixou de ser modelo. Não se pode levar a sério o pretenso socialismo das ditaduras da Coreia do Norte, de Cuba e da Venezuela.

É inegável que milhares ou milhões de idealistas do mundo inteiro, que sempre lutaram para que os povos tivessem melhores condições de vida, ficaram, de repente, órfãos de uma teoria que respaldasse seus sonhos. Cheguei um dia a escrever um romance cujo tema é o drama dessas pessoas (*). Nesse tormento de incertezas, encontrei a indicação de caminhos que poderão ser seguidos por aqueles que desejam continuar coerentes com seu idealismo. O ex-presidente Fernando Henrique lançou no início deste ano o livro: “A soma e o resto: um olhar sobre a vida aos 80 anos”. No final do 5º capítulo, intitulado “Um mundo em transição: multipolar e pluricultural”, ele sustenta que a velha divisão política entre esquerda e direita não faz mais nenhum sentido. O espaço aqui é curto para expor todos os argumentos que usa para fundamentar sua tese, mas é possível resumir, em poucas frases, o essencial de seu pensamento. FHC acha que “não é possível pensar em soluções para questões como aquecimento global, controle de pandemias, pobreza extrema e proliferação nuclear sem novas formas de solidariedade e colaboração transaccional”. Adiante, afirma: “A esquerda contemporânea está, portanto, obrigada a sair de sua visão do passado, encastelada na questão das classes ou do Estado nacional, para olhar para o ser humano, para a humanidade como sujeito”. Terminando o 7º capítulo, ele relembra o pensamento generoso dos esquerdistas com base no ideal de justiça social e assim conclui: “Ser de esquerda é justamente ter a capacidade de olhar para a frente, rever criticamente a história, captar o emergente, pensar o futuro. Essa é a tarefa intelectual que nos espera. Esse é o desafio para quem quiser ser ao mesmo tempo progressista e contemporâneo”.

(*) “Orfandade de um Ideal” é o título do romance a que se refere o autor.

Raymundo Pinto, desembargador aposentado do TRT, é escritor e membro da Academia Feirense de Letras e da Academia de Letras Jurídicas da Bahia.